

O AVESSO DO MODERNO: GILBERTO FREYRE E A MODERNIZAÇÃO BRASILEIRA

Do Valle, Ulisses. *Fachadas e estigmas: a modernização da sociedade brasileira à luz de Gilberto Freyre.* São Paulo, Global Editora, 2025, 384 pp.



Rafael Gomes Nogueira Pereira

Faculdade Católica de Anápolis.

Investigador y filósofo. Desarrolla su trabajo en el área de Pensamento Social Brasileiro.

rafaelgnp@gmail.com

Logo de início, o prefácio de Alberto Schneider adverte o leitor de que o livro em suas mãos traz uma valente interpretação. O adjetivo escolhido adequa-se precisamente ao movimento proposto por *Fachadas e estigmas: a modernização da sociedade brasileira à luz de Gilberto Freyre*, escrito pelo historiador brasileiro Ulisses do Valle. Percorrendo ampla bibliografia e documentação jornalística minuciosa, o ensaio se dedica a investigar a interpretação de Gilberto Freyre sobre a modernização brasileira, cujo princípio pode ser definido com a chegada da família real portuguesa, em 1808. Nos limites impostos por esta resenha, apresentaremos, em linhas gerais, o eixo da construção argumentativa de *Fachadas e estigmas*.

Como sugere o título, a hipótese geral do trabalho está situada na investigação de como Gilberto Freyre, ao explicar a constituição de uma moderna paisagem nacional, captou, em seu horizonte, “a ambiguidade movediça desse processo” (p. 32), pois as instituições transplantadas para o Brasil com a Corte portuguesa não resultaram na completa alteração do quadro societário então existente, mas, ao contrário, traduziram-se em uma “justaposição sinestésica de diferentes ordens” sociais (p. 32). Como a diferenciação social ocorreu em torno de um substrato societário já existente e hierarquicamente desigual, sua capacidade organizativa ficou restrita às camadas epidérmicas da tessitura estrutural. Essa modernização superficial acelerava a dinâmica histórica sem, contudo, romper integralmente com as condições estruturais de uma sociedade de tipo colonial, transformando cenograficamente as instituições sociais. Diante desse quadro, Ulisses do Valle reconheceu o “fato de Freyre tantas vezes usar o termo *europeização*, e não propriamente

modernização”, ilustrando a “autoconsciência irônica” do sociólogo pernambucano sobre a “superficialidade do processo aqui desencadeado” (p. 34).

Dessa forma, a modernização brasileira estava vinculada “mais com a *exterioridade* do que com a *interioridade* das ações e interações humanas: a europeização, assim, se refere a uma *apropriação mimética* de valores europeus que passaram a ser tomados como *modelo*” (p. 34). Eis o ponto fundamental para Ulisses do Valle: a modernização societária foi, para Gilberto Freyre, alcançada por uma configuração “essencialmente imitativa” e direcionada para o controle externo “das aparências” (p. 34). No século XIX foi mais importante redimensionar a “aparência sob o olhar europeu” e “para o olhar europeu” do que o cultivo da dimensão institucional propriamente brasileira (p. 34). Ao discorrer sobre as mudanças vivenciadas no país no decorrer do século XIX, Freyre avulta o sentimento de descompasso com a modernidade, realçando as investidas padronizadoras da Europa, que, com seu reduzido grau de torção, jamais diluiu por inteiro a sociedade colonial.

Em vista dessa modernização tangencial descrita por Gilberto Freyre, a escolha operacional pela conceituação de “fachadas” e “estigmas” para descrever a modernidade brasileira não foi feita ao acaso. Com o aporte epistemológico do interacionalismo simbólico de Erving Goffman, o intuito consiste em expressar como “a preocupação modernizante esteve sempre –e ainda hoje– orientada, por vezes, obsessivamente, para o olhar externo, especialmente europeu” (p. 57). Para averiguar a estrutura do argumento freyriano, *Fachadas e stigmas* mobilizou uma perspectiva epistemológica que analisou a modernização brasileira a partir do “dilema entre o próprio e o imitado, o que é nativo e o que é europeu” (p. 58). Neste ponto reside o ganho interpretativo do trabalho de Ulisses Do Valle.

Interpelada pelas contribuições de João Cezar de Castro Rocha e Vilém Flusser, a leitura do historiador brasileiro questiona como, em *Sobrados e mucambos*, a modernização brasileira foi apresentada enquanto uma criação baseada na “imitação”, em que as atitudes morais e os padrões de vida foram impostos de fora para dentro. O diálogo de Gilberto Freyre com o sociólogo francês Gabriel Tarde é, sem dúvida, instigante, especialmente no que diz respeito à obra deste último intitulada *Les lois de l'imitation*, publicada em 1890. O processo de *imitativo*, que percorreu nossa diferenciação social, serviu como um mecanismo de interação com a vida cultural, sobrepondo o *externo* ao *interno*. As tensões funcionais de uma modernização como europeização significaram, como suscitado por Do Valle, “a própria marginalização e

estigmatização de valores cuja exterioridade e aparência remetessem àquilo que, sendo nativo ou africano, destoasse do modelo europeu” (p. 65).

Um dos objetivos de *Fachadas e estigmas* é destacar os efeitos corrosivos do descompasso modernizador apontado por Gilberto Freyre. Não por acaso, o entrelaçamento conflituoso das formas de conduta tradicionais e modernas resultou na constituição do que o sociólogo pernambucano chamou de “complexo psicossocial sádico-masoquista” (p. 88). Essa estrutura comportamental resultou da diversidade de práticas reiteradas cotidianamente que remontavam ao passado escravocrata e perseveraram no presente. Para Ulisses do Valle (p. 130), o edifício intelectual freyriano procurou “perceber como a retórica da crueldade, envolvida na escravidão, cruzava-se com a retórica da europeização”, implicando a manutenção de mecanismos hierárquicos que mantinham ativas velhas distâncias sociais.

A hipótese da subjetividade masoquista não é inédita para aqueles leitores que acompanham os trabalhos recentes de Do Valle, pois um primeiro esboço dessa leitura foi realizado no ensaio intitulado *Sádicos e masoquistas: uma interpretação do Brasil à luz de Gilberto Freyre*, publicado em 2020. Em larga medida, ambas as obras sugerem um caminho de leitura definido pela investigação da “formação dos padrões de relação interpessoal com tendências sádico-masoquistas”, que “sobrevivendo, ainda que de maneira difusa e residual”, transcorreu “diversas gerações no tempo”, “alcançando o próprio presente” (Do Valle, 2020, p. 14). Tal chave interpretativa foi encontrada pelo autor para “trazer à tona os elos de ligação” entre *Casa grande & senzala*, *Sobrados e mucambos* e *Ordem e progresso* (Do Valle, 2020, p. 53). Há, portanto, no pensamento de Gilberto Freyre, uma “unidade na diversidade” que conduziu sua reflexão filosófico-histórica: a procura pela “singularidade brasileira e como ela se constituiu historicamente” (Do Valle, 2020, p. 49).

Fachadas e estigmas esquadrinha como, para Freyre, a “tese básica é que a aproximação dos opostos [...] se deu ao custo da formação de padrões de relação interpessoal com tendências sádico-masoquistas”, recriando o distanciamento social com uma estigmatização (p. 329). Para exemplificar a manutenção dos aspectos estamentais notados por Freyre, conforme preservados no cenário do século XIX, Do Valle ilustra como “a educação para o patriarcado”, cujo sentido estava na “transmissão e incorporação de critérios básicos de autoridade e reconhecimento”, encontrou no “bacharelismo” um novo princípio organizativo para a velha significação do “ser-senhor” e “ser-escravo” (p. 148). A sociabilidade sádico-masoquista estava presente nessa nova postura intelectual desenvolvida pelo cenário modernizador,

que, frente às novas e emergentes institucionalidades, exigia uma postura atrelada à mística do bacharel. O prestígio do título crescia nos meios urbanos, conferindo aos portadores “uma espécie de carisma” que “se refazia e se intensificava no imaginário popular” (p. 182).

Tal mudança de roupagem da autoridade apenas alterava o semblante da legitimação, porque o conteúdo socialmente efetivo e estruturante das relações societárias ainda mantinha-se vinculado ao exercício mandonista e pessoalizado. A fachada de Goffman encontra-se nesse ponto: para que as representações fossem executadas, ao invés de transformar a composição interna, a sociabilidade conservou determinadas assimetrias revestidas. A exteriorização moderna mobilizou símbolos europeus como uma tônica de progresso societário, mas manteve inalterados determinados rituais de diferenciação. O conjunto de alterações que vieram no bojo da modernização brasileira não foi capaz de romper definitivamente com o tempo pretérito, proporcionando uma configuração política inconsistente e desconectada da contextualização histórica.

A julgar pela argumentação de *Fachadas e estigmas*, Freyre, ao assinalar os limites e a direção tomada pelo processo de modernização brasileiro, teve, em seu horizonte, a interpenetração do aparato modernização com a tradição aqui constituída, configurando uma existência social organizada em torno de ajustamentos entre o tradicional e o moderno. Dessa forma, as assimetrias republicanas, simbolizadas pela “profusão dos rituais de diferenciação”, preservaram os traços estamentais e atuaram como “modo de restabelecer” as distinções hierárquicas entre os indivíduos, afastando qualquer pretensão “equalizadora” da cidadania (p. 346). Dessa forma,

A vida política brasileira encontra-se assim marcada por um grave paradoxo, que até hoje não alcançou uma solução satisfatória: um arcabouço jurídico e institucional fundado na igualdade tendo de se implementar em uma sociedade orientada e educada para a diferença e para a hierarquização. Com isso, adentramos já no último dos pontos centrais que formam o que estamos chamando de infraestrutura sociocultural da vida política brasileira (Do Valle, 2025, p. 349).

A coexistência e a interpenetração temporal fabricaram “o complexo psicossocial sadismo-masiquismo”, produzindo “um conjunto de padrões de interação social” estruturado em torno de “práticas de dominação, de violência e crueldade reiteradas cotidianamente na sociedade brasileira ao

longo de séculos de sistema escravocrata” (p. 356). Essa orientação dinâmica elucida a dificuldade de despersonalização das relações sociais, razão pela qual as regras impessoais e racionalizadas foram relegadas ao segundo plano. Para Do Valle, a análise de Freyre esclarece como a dominação “racional-legal” foi restringida pela “patriarcalização das estruturas modernas” mediante a “repersonalização do poder através da eleição de líderes carismáticos” (p. 358). Freyre, portanto, explorou uma “filosofia da história que se deixa entrever em sua concepção de mudança histórica”, não compreendendo o passado por si mesmo, mas a partir de “suas sobrevivências no presente em curso” (p. 24).

Com base nessa observação, o edifício intelectual freyriano operou a partir da distinção entre “a construção da nação” e a “construção da sociedade”, conforme a terminologia de Gláucia Villas Bôas (2004, p. 24), registrando em *Casa grande & senzala* “uma experiência singular de homens concretos”. O passado, para Gilberto Freyre, não está encerrado em si, mas se projeta na esteira temporal por meio da força do cotidiano. Afirmou Do Valle (p. 294) que, se o “ente para o qual passado importa”, a “premissa de teor filosófico-histórico” de Freyre restabelece “os veículos de um presente com seu passado e que não perde de vista as permanências e sobrevivências do passado no presente”.

Esse passado em comum é o que possibilitava uma integração transnacional entre diferentes países constituídos mediante a colonização ibérica, *abrindo-as para um processo de modernização que, em vez de dissolver suas tradições regionais, se harmonizasse com elas, tornando-se outras sem que deixassem de ser próprias* (Do Valle, 2025, p. 294, grifos do autor).

Em Gilberto Freyre, portanto, encontram-se sugestões teóricas sobre o problema sociológico relacionado à persistência das estruturas e atitudes sociais de período anterior e às condições específicas que deram origem a essas características. O conflito entre a solidariedades “tradicionais” e “modernas” permaneceu como questão social para Freyre, à medida que a atualização da significação do passado é sempre fruto de negociações e escolhas com sentido político.

Em suma, *Fachadas e estigmas* serve tanto como um roteiro para novos leitores quanto para os familiarizados com o trabalho de Gilberto Freyre, propondo uma instigante aproximação historiográfica com temas da reflexão gilbertiana. Enfrentando questões rotineiras do pensamento social

brasileiro, Ulisses do Valle busca apresentar uma nova interpretação da obra de Gilberto Freyre, explorando a temática da modernização e a dinâmica tendencial de construção de uma sociabilidade em torno do complexo sadomasoquista (p. 24). O livro desperta o interesse dos historiadores pela aproximação original, que abre novas possibilidades para investigações futuras.

Referências

- DO VALLE, Ulisses. *Fachadas e Estigmas: A modernização da sociedade brasileira à luz de Gilberto Freyre*. São Paulo: Global Editora, 2025.
- DO VALLE, Ulisses. *Sádicos e Masoquistas: uma interpretação do Brasil à luz de Gilberto Freyre*. Vitória: Editora Milfontes, 2020.
- VILLAS BÔAS, Gláucia. "Casa grande e terra grande, sertões e senzala: duas interpretações do Brasil". *Iberoamericana*, ano 4, n. 13, 2004, p. 23-37.